

## EL PRISIONERO, de Octavio Paz —

proposta de análise a partir do "Pensamento Radical".

José Edil de Lima Alves

### I — INTRODUÇÃO.

As propostas para uma análise do texto literário a partir do Pensamento Radical são ainda bastante recentes em nosso meio. Na verdade, restringem-se quase só a um pequeno número de "curiosos", os quais têm sido despertados para esse método de trabalho pelo esforço e capacidade do Dr. Emmanuel Carneiro Leão.<sup>1</sup>

No setor da ESPECULAÇÃO FILOSÓFICA, se se pode dizer assim, esse método conta com um bom número de pensadores e já são vários os trabalhos publicados, principalmente através da Editora Vozes, de Petrópolis (RJ).

Nosso atrevimento deve ser entendido não como um 'deslumbramento' para com as novidades do último grito da moda, mas sim, como o desejo de adotar uma linha de ação que nos parece digna de todo o respeito, visto trazer em seu bojo o desafio maior para o intelecto humano, qual seja, a provocação para que se exerça de modo pleno todas as faculdades do "pensar", com as quais o Homem foi distinguido.

Dessa forma, diante do poema, procuramos "pensar" a verda-

---

Aluno do Dr. Carneiro Leão no Curso de Mestrado da Faculdade de Letras da U.F.R.J., em 1971-1972, tive a atenção despertada pelas reflexões propostas por aquele eminente Professor.

Procurando amadurecer para esse tipo de proposição fui realizando várias tentativas, sem custudo atrever-me de modo mais total. Agora, retornando àquela Faculdade para realizar Curso de Doutorado, vi-me estimulado por muitos trabalhos de colegas, todos ex-alunos ou alunos do referido Professor, ressaltando a dissertação de Mestrado da Professora Angela Maria Fabiana Mendes.

Esse é o primeiro trabalho que publico nessa linha de reflexão, o que explica as várias falhas de que necessariamente se ressentem.

Por pertinente, anotamos o livro do Dr. Carneiro Leão publicado no corrente ano pela Editora Vozes: CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. *Aprendendo a pensar*. Petrópolis, Vozes, 1977.

de do homem que ali está presente, como em todo o texto literário.

Então não podemos deixar de lado o que envolve a presença do homem, ou seja, a história. Para isso, vamos do texto ao contexto, voltando do contexto ao texto, em um movimento circular do pensamento que nunca abandona o exercício da indagação.

Tentativa a partir de uma proposição do Pensamento Radical, norteia-nos uma só preocupação: mergulharmos no pensamento em resposta a seu apelo e seu desafio de libertação, uma vez que só reconhecemos um compromisso assumido como Homem: com o HO-MEM.

## II — O MÉTODO CIRCULAR E A CRÍTICA HERMENÊUTICA

Sem termos a intenção de darmos um resumo de tudo o que seja o Método Circular e a Crítica Hermenêutica, não deixaremos de fazer algumas rápidas considerações que nos parecem apropriadas para o momento.

Só somos capazes de atingir a uma finalidade — META —, se estabelecermos um caminho — HODOS.

Mas, para que estabeleçamos um MÉTODO, faz-se necessário que tenhamos presentes alguns critérios. Ou seja, a escolha do MÉTODO não pode ser aleatória, uma vez que deve haver uma adequação do método em relação à obra, a fim de que se possa chegar a resultados convincentes.

Ao referirmo-nos a Método, convém recordar que até os primeiros anos de nosso século, conhecia-se fundamentalmente dois métodos básicos em Filosofia, os quais se estendiam para todos os campos das Ciências:

- a) Método dedutivo — platônico (em que se vai do geral para o particular)
- b) Método indutivo — aristotélico (em que se vai do particular para o geral).

Contudo, anterior aos dois pensadores referidos pelos dois métodos dominantes, Heráclito asseverava: "O caminho para baixo e o caminho para o alto é o mesmo".

Com isso, o pensador alertava para a importância que se deve dar ao ponto de onde se partiu para pensar-se o pensado, pensando-se o 'depois' sempre em referência ao 'antes'.

Os dois métodos privilegiados durante esses dois mil e qui-

nhentos anos pelo Ocidente só conhecem, cada um, uma direção. Ou é caminho para baixo, ou é caminho para o alto. São, pois, excluídos.

Com Heidegger, numa clara valorização do pensamento de He-ráclito, vamos ter uma nova proposta: o Método Circular, que incluirá todos os caminhos em sua busca para atingir a um fim.

Estamos, agora, diante de uma proposta que nos desafia a sermos um novo HERMES, pois exige que mergulhemos na HERMENÊUTICA.

Talvez não seja demais recordar que já não se trata aqui daquele sentido estratificado da palavra hermenêutica como interpretação dos sentidos das palavras, interpretação dos textos sagrados, arte de interpretar as leis ou exegese; trata-se agora de HERMENÊUTICA como "força do destino", isto é, aquilo que permite que o Homem seja o AGENTE DA HISTÓRIA.

O homem deverá ser Hermes porque deverá estar constantemente interpretando, para poder constantemente estar vivendo. Incapaz de entender cada situação com as quais constantemente se defronta, o homem perde sua condição de agente e, em consequência, não tem condições de "fazer a História".

Dessa forma vemos que só ao mergulhar na História é que o homem fará uma interpretação hermenêutica. Uma tal interpretação vê, pois, a OBRA num contexto humano, indo à origem da palavra, para chegar à origem do pensamento.

Assim a proposta heideggeriana é por um PENSAMENTO ORIGINAL, aquele que procura esgotar todas as possibilidades do pensar, é pelo **pensamento radical**, ou seja, o que vai às raízes, buscando a abertura total do pensamento.

O Ser Humano, por possuir em si o SER (o que torna possível que os entes sejam) e o ente (coisas que são), tem a força criadora, o que o torna capaz de criar a Obra de Arte.

Porém, é preciso ressaltar que a Força Criadora existe em todos os homens, donde se pode afirmar que na origem mesma da Obra de Arte encontram-se ARTISTA, ESPECTADOR/LEITOR e OBJETO CRIADO.

Constantemente em busca de sua verdade, o Homem projeta-se no mundo. Saindo para fora, o Homem afasta-se de seu princípio, justamente porque está em busca de seu princípio. Esta paradoxal

busca da ORIGEM o homem vai fazer pelo Pensamento Existencial, Ontológico, porque parte do SER.

À procura de nossa verdade como HOMEM, penetramos no texto com toda nossa força criadora. E ao questionarmos a ARTE, questionamos o HOMEM, porque a OBRA é uma estrutura da existência, uma manifestação da ESSÊNCIA HUMANA.

A linguagem, assim entendida, será a força de criação, o que conserva a possibilidade de significação.

Eduardo Portella,<sup>2</sup> na linha do pensamento do Mestre de Mas-skirch, propõe uma forma de análise baseada em três pontos fundamentais, a investigação exaustiva do:

- a) pre-texto — (possibilidades para a existência do texto)
- b) texto — (organização lingüística em si)
- c) entre-texto — (os elementos que informam o texto)

Esse trabalho deverá ser necessariamente o de uma investigação integradora das partes, um exercício eminentemente circular de reflexão.

Emmanuel Carneiro Leão, igualmente na esteira do pensamento de Heidegger, propõe uma crítica poética a partir do Pensamento Radical. Por ele é que o homem terá a possibilidade de encontrar o HORIZONTE, ou seja, aquilo que está no próprio olhar do HOMEM.

O HORIZONTE, vale frisar, não é o limite; é o círculo de possibilidades; é o que o homem percebe na dialética do ver e do não-ver. É o que o homem percebe na distância e o que lhe possibilita o DIÁ-LOGO com as coisas e permite-lhe encontrar a identidade das coisas e sua própria identidade.

Dessa forma, não só o homem parte de si na tentativa de chegar a si, senão que ele parte do total para chegar ao TOTAL.

Seu caminho, pois, será sempre circular, uma vez que a identidade do homem está justamente no homem.

No entanto, esse caminho só será percebido na medida em que o homem se preocupe em questionar, pois, segundo o já famoso aforismo de Martin Heidegger:

'Questionar é pôr em questão,

---

1 BACIU, Stefan. *Antologia de la poesia surrealista latino americana*. México, J. Mortiz, 1974.

2 CARNEIRO LEÃO, Emmanuel. *Aprendendo a pensar*. Petrópolis, Vozes, 1977. 268 p.

... é a única tarefa do pensamento”.

### III — O CONVITE DO TEXTO — PRIMEIRAS INDAGAÇÕES

Que diz o texto de Octavio Paz, **El prisionero?**  
Vejamo-lo:

#### EL PRISIONERO<sup>3</sup>

(HOMENAJE A D.A.F. DE SADE)

a fin que... les traces de ma tombe disparaissent de  
dessus la surface de la terre comme je me flatte que ma  
mémoire s'effacera de l'esprit des hommes...

#### TESTAMENTO DE SADE

No te has desvanecido.  
Las letras de tu nombre son todavía una cicatriz que no se cierra,  
un tatuaje de infamia sobre ciertas frentes.  
Cometa de pesada y rutilante cola dialéctica,  
atraviesas el siglo diecinueve con una granada de verdad en la mano  
y estallas al llegar a nuestra época.  
Máscara que sonríe bajo un antifaz rosa,  
hecho de párpados de ajusticiado,  
verdad partida en mil pedazos de fuego,  
¿qué quieren decir todos esos fragmentos gigantescos,  
esa manada de icebergs que zarpan de tu pluma y en alta mar  
    enfilan hacia costas sin nombre,  
esos delicados instrumentos de cirugía para extirpar el chanero  
    de Dios,  
esos aullidos que interrumpen tus majestuosos razonamientos de  
    elefante,  
esas repeticiones troces de relojería descompuesta,  
toda esa oxidada herramienta de tortura?  
El erudito y el poeta,  
el sabio, el literato, el enamorado,  
el maníaco y el que sueña en la abolición de nuestra siniestra  
    realidad,  
disputan como perros sobre los restos de tu obra.  
Tú que estabas contra todos,  
eres ahora un nombre, un jefe, una bandera.  
Inclinado sobre la vida como Saturno sobre sus hijos,  
recorres con fija mirada amorosa

---

3 PORTELLA, Eduardo. *Teoria da comunicação literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970. 160 p.

los surcos calcinados que dejan el semen, la sangre y la lava.

Los cuerpos, frente a frente como astros feroces,  
están hechos de la misma sustancia de los soles.

Lo que llamamos amor o muerte, libertad o destino,  
¿no se llama catástrofe, no se llama hecatombe?

¿Dónde están las fronteras entre espasmo y terremoto,  
entre erupción y cohabitación?

Prisionero en tu castillo de cristal de roca

cruzas galerías, cámaras, mazmorras,

vastos patios donde la vid se enrosca a columnas solares,  
graciosos cementerios donde danzan los chopos inmóviles.

Muros, objetos, cuerpos te repiten.

¡Todo es espejo!

Tu imagen te persigue.

El hombre está habitado por silencio y vacío.

Cómo saciar esta hambre,

Cómo acallar este silencio y poblar su vacía?

¿Cómo escapar a mi imagen?

Sólo en mi semejante me trasciendo,  
sólo su sangre da fe de otra existencia.

Justina sólo vive por Julieta,

las víctimas engendran los verdugos.

El cuerpo que hoy sacrificamos

¿no es el Dios que mañana sacrifica?

La imaginación es la espuela del deseo,

su reino es inagotable e infinito como el fastidio,

su reverso y gemelo.

Muerte o placer, inundación o vómito,

otoño parecido al caer de los días,

volcán o sexo,

soplo, verano que incendia las cosechas,

astros o colmillos,

petrificada cabellera del espanto,

espuma roja del deseo, matanza en alta mar,

rocas azules del delirio,

formas, imágenes, burbujas, hambre de ser,

eternidades momentáneas,

desmesuras: tu medida de hombre.

Atrévete:

la libertad es la elección de la necesidad.

Sé el arco y la flecha, la cuerda y el ay.

El sueño es explosivo. Estalla. Vuelve a ser sol.

En tu castillo de diamante tu imagem se destroza y se rehace,  
infatigable.

(A la orilla del mundo)

Quem é esse 'prisionero'?

Para tentarmos inicialmente uma resposta, vamos tatear, a partir das colocações do próprio texto. Aparentemente, pelo menos, surge uma resposta. Eivado de índices que remetem a um referente externo, mas implícito, a dedicatória e a breve passagem do testamento, colocada em epígrafe, encarregam-se de explicitar o SUJEITO referido pelo título. Ou seja, a HOMENAJE A D.A.F. DE SADE, isto é, a Donatien Alphonse François de Sade, evidencia a primeira proposição:

#### EL PRISIONERO — SADE

Prisioneiro de quem, ou de quê?

Detendo-nos no excerto do testamento, encontraremos a pista que nos permitirá tentar a resposta. Senão, vejamos:

"a fim de que... os vestígios de meu túmulo desapareçam da superfície da terra como eu me gabo de que minha memória se eclipsará dos espíritos dos homens".

#### (TESTAMENTO DE SADE)

O testamento sublinha um aspecto volitivo fundamental por parte do testador: o do desaparecimento completo, absoluto de tudo o que a ele se relacione.

A liberdade, o testador só a fruirá ao haver-se extinguido no mundo até o último vestígio que dele tenha algo.

Assim, certamente ele é prisioneiro das idéias que ousou levantar e da potencialidade da sua palavra que não permitiu o eclipsar-se de sua memória nos espíritos dos homens; prisioneiro, portanto dos homens que conservaram a memória do testador.

"Por quê?" — indaga-se a indagação, menos preocupada com a ânsia da resposta, do que com a pergunta pertinente.

Porque se busca no corpo do discurso por ele (testador) deixado naquela dialética do dito e do não-dito, a distância necessária do horizonte que lhes possibilite encontrar a resposta ansiada para saciar a sede da Verdade Individual que habita cada homem.

Munidos, pois, dessas pro-posições estabelecidas para a compreensão da ambigüidade do poema, aceitemos o convite para pene-

trarmos o texto, despidos de toda vã pretensão de sermos capazes para responder todas as perguntas ou, ao menos, de poder colocar todas as mais pertinentes indagações.

#### IV — A CAMINHADA PELO TEXTO — TENTATIVAS DE DES-VELAMENTO

“No te has desvanecido”.

A frase negativa, entendida, a partir de um sistema dicotômico da linguagem verbal, afirma a permanência de quem se desejava passageiro, expresso no fragmento posto em epígrafe.

Por sua vez, os dêiticos **te - has** denunciam a presença de um alocutário/ouvinte (tú) dentro do próprio discurso, enquanto a Voz que fala (locutor) não se revela em uma identidade.

A frase verbal é curta e incisiva, não traindo nenhuma emoção. Diz tão somente da verificação que, se surpreendesse, só poderia surpreender, talvez, ao alocutário.

“Las letras de tu nombre son todavía una cicatriz que no se cierra,  
un tatuaje de infamia sobre ciertas frentes”.

Os dois versos que completam o terceto inicial confirmam as presenças de alocutário e locutor nas condições fixadas pelo anterior. Porém, já começam a aparecer elementos que claramente indiciam simpatias e antipatias.

As antipatias são para as personagens referidas apenas como “frentes”, modificadas pelo indefinido “ciertas”, a sublinhar o tom de desprezo do locutor. Ignóbeis, não merecem, sequer, a referência explícita; não passam de ‘ciertas frentes’.

E, por ignóbeis, plenamente merecedoras dessa ‘cicatriz abierta’ e desse ‘tatuaje de infamia’.

E os elementos responsáveis por tais marcas são, justamente, ‘as letras de tu nombre’.

Deve-se notar a força em potencial que privilegia a existência do alocutário, cujas ‘letras’ do nome conseguem ter o suficiente poder para estigmatizar os detratores de seu ser.

Por que de seu ser?

Porque o nome e o ente são, na origem, um só. Ou seja, para o conhecimento humano individual, o ente só é no nome, quer di-



zer, a pessoa humana só incorpora os entes a seu mundo particular pelos nomes. Nomeando, criamos nosso mundo particular.

Os fragmentos desse nome (as letras), pelo poderio que têm, falam da incomensurável potência global do que é visto com simpatia.

Denunciada por dois dêiticos: são os fragmentos potentíssimos (letras) que abrem cicatrizes e deixam as tatuagens de infâmia e o advérbio **TODAVIA** (ainda) frisa, justamente a permanência.

O terceto seguinte corroborará a admiração desse locutor não representado pelo alocutário magnífico:

“Cometa de pesada y rutilante cola dialéctica atraviesas  
el siglo diecinueve con una granada de verdad en la  
mano  
y estallas al llegar a nuestra época”.  
Alocutário magnífico?

Sem dúvida, pois ele está referido metaforicamente no primeiro verso como **COMETA** este, por sua vez, modificado por três adjetivos: ‘pesada’, ‘rutilante’ e ‘dialéctica’, que hiperbolizam a metáfora. Por outro lado, a trajetória descrita é um índice forte da admiração focalizada, bem como da permanência já anotada anteriormente.

A seguir, o alocutário aparece nomeado por outras metáforas também significativas: ‘máscara’ e ‘verdad partida en mil pedazos de fuego’.

A Máscara fala dessa identidade difícil de ser precisada, porque capaz de aparecer sob diferentes caras. Cabe notar ainda que essa máscara sorri sob uma ‘antifaz rosa’, ou seja, é uma máscara que se mascara para dificultar ainda mais sua identidade. É a simulação simulada, a identidade que se nega em diferentes níveis e que confunde sempre mais.

E mais mascarada vemos a identidade quando se percebe o material de que é feito a ‘antifaz rosa’: de ‘párpados de ajusticiado’.

‘Verdad partida en mil pedazos de fuego’ está semanticamente encadeada com os versos anteriores:

“... .. con una granada de verdad en la mano y estallas  
al llegar a nuestra época”.

Aqui se explicita o que ficara sugerido; nos versos anteriores havia um **SUJEITO (TÚ)** e um **OBJETO (GRANADA DE VERDAD)**, in-

dependentes entre si e ligados por uma dupla relação: sintagmática, através da ordem do discurso e paradigmática, através do significado. A metáfora, no entanto, marcava um certo aspecto insólito: a explosão do sujeito, não do objeto.

Agora temos a união dos dois entes: GRANADA e TU incluem-se nessa:

'Verdad partida en mil pedazos de fuego', porque, se no primeiro caso tínhamos 'VERDAD' relacionada, a 'GRANADA', no segundo temos 'VERDAD' relacionada a 'TÚ'.

A seguir, a primeira grande indagação:  
¿qué quieren decir todos esos fragmentos gigantescos,  
esa manada de icebergs que zarpan de tu pluma y en alta mar  
enfilan hacia costas sin nombre,  
esos delicados instrumentos de cirugía par extirpar el chancro de Dios,  
esos aullidos que interrumpen tus majestuosos razonamientos  
de elefante,  
esas repeticiones atroces de relojería descompuesta,  
toda esa exidada herramienta de tortura?

Mais do que a uma resposta, a pergunta vem expressar a profunda admiração pelo alocutário, o que já temos sublinhado. Essa admiração está bem marcada pelo uso de hipérboles que se referem à atividade singular realizada por aquele que é o objeto da admiração do narrador. São hipérboles como: 'fragmentos gigantescos', 'manada de icebergs', 'delicados instrumentos para extirpar el chancro de Dios' y 'tus majestuosos razonamientos de elefante' que indiciam o conceito em que é tido o homenageado.

Mas, voltando ao início da indagação:

'¿qué quieren decir todos esos fragmentos gigantescos... ...?'

parece-nos de todo pertinente indagarmos: ficará a pergunta sem resposta?

Sim ou não.

Procurando explicitar essa reflexão: SIM, se houver a crença vã e estéril de que as respostas estão somente fora, de cada um e que os 'outros' se encarregarão de dá-las gratuitamente para nós.

A pergunta é o princípio e a base para o conhecimento. Ela desencadeia a especulação. Ela é a responsável pelo aprofundamento do saber. É o instrumento fundamental de trabalho para o

## FILÓSOFO e para o CIENTISTA.

Mas a pergunta pergunta sempre para o interior e para o exterior, porque as respostas que só vêm de fora, por muito elaboradas que possam ser, na maior parte das vezes não respondem àquilo que está no íntimo daquele que a formulou. Transcendente, o homem precisa afastar-se de si para reconhecer-se como homem; imanente, o homem necessita mergulhar em si para certificar-se desse re-conhecimento.

A identidade de cada pessoa está em seu íntimo, mas o homem necessita perscrutar o horizonte que está em seu próprio olhar para conseguir encontrar as respostas às suas perguntas.

Saindo de si para voltar a si, nessa viagem circular provocada pela indagação, o homem poderá ir encontrando o caminho que o leve às respostas, ao tempo em que compreenderá melhor o porquê das diversidades que elas possam ter (e normalmente têm).

A pergunta colocada desafia, portanto, todo aquele que com ela se defronte. Aceitar ou não o desafio da pergunta implicará na disposição favorável ou não de o homem desinstalar-se para enfrentar o desafio da procura. Por isso a pergunta, no texto, fica sem resposta. Ela quer ser tão somente o desafio, ao mesmo tempo em que funciona como a manifestação de um profundo espanto diante de tudo o que fora capaz a 'palavra privilegiada' do alocutário.

É essa 'palavra privilegiada' — e o que ela havia produzido em bens sem herdeiros forçados e sem legatários, que será disputada por todos os que têm algum compromisso com a Vida. Está explícito no texto:

El erudito y el poeta  
el sabio, el literato, el enamorado,  
el maniaco y el que sueña en la abolición de nuestra siniestra  
realidad,  
disputam como perros sobre los restos de tu obra.

O verbo empregado 'disputan' diz da luta, do confronto, no que é reforçado pela comparação 'como perros', em que surge o vigor do irracional.

Não pertencendo legalmente a ninguém, tais 'restos' (fragmentos) são de todos e utilizados segundo cada intenção e/ou capacidade. Explicita-se, pelo menos de modo parcial, por que a pergunta precedente ficara sem resposta: eruditos, poetas, literatos, sábios, enamorados, maníacos e sonhadores de uma nova realidade terão

cada qual suas respostas necessariamente próprias e diferentes entre si, porque diferente será a verdade de cada um.

O poema continua, nos versos que encerram a estrofe estudada e fica ainda mais um registro de total admiração:

‘Tú, que estabas contra todos,  
eres ahora un nombre, un jefe, una bandera’.

Partindo do sentido do “ontem”, do posicionamento anti-social da personagem-alocutário, chega-se ao papel fundamental no “hoje”. Aquela aversão ao social da época, o repúdio aos padrões éticos vigentes em seu meio foi, não só bem entendido, mas assumido pelos pósteros que o elevaram, assim, à condição de NOME, CHEFE, BANDEIRA.

NOME, porque identifica a realidade do HOMEM na luta contra os padrões morais e religiosos impostos à pessoa e, normalmente, criadores de tabus, preconceitos e mitos; CHEFE, porque lidera nessa luta contra os padrões estabelecidos; BANDEIRA, porque sob sua inspiração são capazes de reunir-se todos os homens de consciência que se opõem hoje, como ele ontem, contra as imposições bitoladas feitas pela hipocrisia dos ‘donos do poder’ e assumidas pela ‘massa’.

Apontado como ‘louco’ por não se enquadrar no padrão de ‘normalidade’ estabelecido comunitariamente pela ordem ética e religiosa, necessariamente esteve contra todos os que a ‘defendiam’. Perseguido por todos os regimes: monarquia, governo revolucionário e Napoleão, encarcerado em presídios e manicômios judiciais, pode servir de BANDEIRA, de CHEFE e de NOME para os ‘alienados’ de hoje, os que não se comportam de acordo com as ‘normas vigentes’, desviando sua conduta das ordens éticas, religiosas ou econômicas estabelecidas; serve de BANDEIRA, CHEFE e NOME para quantos não se conformam com a coisificação do homem — o erudito, o poeta, o sábio, o literato, o enamorado, o maníaco e o que sonha um mundo diferente e melhor.

Inclinado sobre la vida como Saturno sobre sus hijos,  
recorres con fija mirada amorosa  
los surcos calcinados que dejan el semen, la sangre y la lava.  
Los cuerpos, frente a frente como astros feroces,  
están hechos de la misma sustancia de los soles.

No primeiro verso dessa nova estrofe, temos a comparação do alocutário com a figura de Saturno e pode-se ver aí uma série de alegorias.

Primeiramente, quem é Saturno?

Diz-nos a Mitologia Greco-latina:

Saturno, nome latino de Cronos (deus grego), é filho de Urano (Céu) e de Cibele ou Gea (Terra). É o mais novo dos Titãs. A pedido de Gea, mutila o pai e ocupa o trono do Universo. Esposou a titânia Cibele (Rhea) e teve Vesta, Ceres, Juno, Plutão, Netuno e Júpiter. Sendo o Senhor do Universo e temendo que seus filhos viessem a destroná-lo, como lhe predissera um oráculo da Terra, devorava-os ao nascer. Dessa voracidade apenas escapou Júpiter (Zeus), pois graças ao estratagema de Cibele, foi substituído por uma grande pedra, envolta em cueiros. Crescendo, Júpiter forçou o pai a vomitar a pedra e os irmãos, e destronou-o. Saturno, reduzido à condição de simples mortal e expulso de Creta, onde fora exilado, asilou-se nas montanhas do Lacio (Itália), onde foi generosamente acolhido pelo povo e pelo Rei Jano. Como sinal de reconhecimento, Saturno ensinou-lhes as leis, artes e a linguagem, pelo que foi gratificado com a prudência. Simbolizando o Tempo, Saturno é representado sob a forma de um ancião, curvado ao peso dos anos, erguendo, na mão uma foice. É alado, para significar a rapidez com que passa o tempo.<sup>4</sup>

Ora, tornam-se claras as várias coincidências e discrepâncias subjacentes na comparação, desde que aceita a identidade do alocutário como sendo o Homenageado, como vimos propondo até aqui.

Saturno, filho do Céu e da Terra, instigado pela mãe, dilacera o pai para ocupar-lhe o trono. O alocutário, também ele filho de enormes contradições (vejamos o que nos diz Otto Maria Carpeaux em um prefácio ao livro **Justine**, de Sade:

1740 é o ano do seu nascimento. O nome é Donatien-Alphonse-François Marquis de Sade. É um nome pomposo, da alta aristocracia francesa ou, para ser mais exato, da alta aristocracia da Provença. Alguns genealogistas acreditam em parentesco com família dos heréticos Albigenses que a Igreja denunciou, no século XIII, como idólatras de Satanás. (...)

Significativo também é o ano do nascimento. 1740: há

---

4 RIBEIRO, Joaquim Chaves. *Vocabulário e fabulário da mitologia*. São Paulo, Martins, 1962.

pouco, sob a regência do duque de Orléans, a França passou por um período de libertinagem desenfreada. Agora, reina Luís XV, esquecendo os negócios de Estado nos braços de centenas de suas amantes.<sup>5</sup>

na verdade, nesse prefácio há outros inúmeros detalhes que apontam para as contradições de que é filho o Homenageado) o alocutário, dizíamos, instigado pela observação, aparelha-se para "extirpar o cancro de Deus" e, dilacerando a soberana ÉTICA, disputar-lhe o TRONO.

Saturno inclina-se sobre seus filhos para devorá-los, evitando assumi-los para evitar a própria queda; o alocutário, ao contrário, adota como filhos o que a sociedade hipocritamente repudiava: o sêmen, o sangue e a lava. Assumindo os repudiados, eleva-os a lugares não desejados por seu meio social, mas afirma-se perante si mesmo. Sofre, porém, o mesmo que Saturno, pois é castigado com o exílio e afastado para o país dos "loucos", seus irmãos e seus iguais. E é para eles que vai ensinar, novo Saturno, as novas leis, as novas artes e a nova linguagem. E por eles vai ser reconhecido e agraciado com o posto de CHEFE, sendo por eles erguido como BANDEIRA.

Saturno "plenifica-se" como deus à medida em que se despe da ânsia pela "divindade"; o alocutário "plenifica-se" como homem à medida que assume sua humanização, assumindo-se como sêmen, sangue e lava, componentes da própria condição de homem.

É necessário assumir-se para verificar-se a semelhança da essência humana com a essência dos astros. E é necessário ter sido gratificado com a prudência — apanágio dos sábios — para se chegar e entender que o homem deve ser sempre o centro de seu mundo, o Sol ao redor do qual gira tudo o que o cerca. É necessário que o homem tenha uma consciência histórica para saber que ele é o SUJEITO. E essa consciência histórica inicia pelo assumir-se como HOMEM, esse complexo de

- sêmen — semente, germe, rudimento de um novo ser, embrião
- causa, origem
- sangue — vida, prole, geração, natureza, família, pátria, raça,
- vigor, energia
- lava — chama, torrente, fogo.

A vida é caminhada, é peregrinação e exige de cada um inúmeros sacrifícios. Por isso suas marcas são esses 'surcos calcinados'.

<sup>5</sup> SADE, Marquês de. *Justine: ou Os infortúnios da virtude*. Rio de Janeiro. Saga, 1967, pág. 8.

E porque compreende a vida como peregrinação repleta de desafios e para a qual só os conscientes são capazes, é que o alocutário os "recorre con fija mirada amorosa".

Na verdade, amor é doação e só é capaz de viver com plena consciência do que isso representa aquele que for capaz da entrega sem restrições.

Nessa entrega total, nada pode surpreender e a própria surpresa, através das perguntas, aniquila-se na manifestação de seu espanto.

"Lo que llamamos amor o muerte, libertad o destino,  
¿no se llama catástrofe, no se llama hecatombe?  
¿Dónde están las fronteras entre espasmo y terremoto,  
entre erupción y cohabitación?"

Tudo forma um todo. A vida é um conjunto de infinitas partículas que só fazem sentido reunidas. De nada adianta a tentativa de isolar-se uma parte, o máximo que se pode conseguir é **deparar-se** com o misterioso 'aleph', que na mínima partícula resume sempre o todo.

A mera convenção da 'palavra' não consegue resolver satisfatoriamente o problema. Inclusive porque, como convenção social, de caráter amplo e impreciso, sofre constantes mutações no sentido, caracterizando-se pela polissemia. A falácia da palavra: tão sutil e tão vazia. Repleta de sentidos e sem sentido nenhum... Como os próprios sentimentos e categorias que pretendem representar e/ou expressar...

Por isso a surpresa aniquila-se perante a surpreendente complexidade da vida (ou da essência humana propriamente dita?)

"Prisionero en tu castillo de cristal de roca  
cruzas galerías, cámaras, mazmorras,  
vastos patios donde la vida se enrosca a columnas solares.  
gracioso cementerios donde danzan los chopos  
immóviles.

Uma vez mais é patente a alusão ao Homenageado e a alegoria, clara: ele se movimenta, através de seus textos por todos os lugares onde se refugiam os **alienados**, como ele.

Presos em castelos de cristal de rocha, afastados do convívio social, expurgados para não 'contaminar' o meio com suas 'influên-

cias nefastas', esses 'alienados' deparam-se com a vida, (vid) que "se enrosca a columnas solares" — os homens expurgados, verdadeiras colunas basilares de um novo sistema por se implantar — e são os "muros, objetos y cuerpos" que "repiten" o que foi o alocutário.

Por isso

"¡Todo es espejo!"

e é assim que:

"Tu imagen te persigue".

Os versos seguintes explicitam e reforçam essas assertórias:

"El hombre está habitado por silencio y vacío.

¿Cómo saciar esta hambre,

cómo acallar este silencio y poblar su vacío?

¿Cómo escapar a mi imagen?

Sólo en mi semejante me trasciendo,

sólo su sangre da fe de otra existencia".

Aquí as perguntas são o desencadear de buscas. A questão existencial, ontológica evidencia-se a partir da constatação:

"El hombre está habitado por silencio y vacío".

A resposta às perguntas é de caráter existencial, porque diz respeito ao ser.

A importância do Homem está no reconhecer-se no próprio Homem. O OUTRO, então, é necessário, não só para afirmar com sua presença a minha presença (espelho a refletir com seu corpo a minha imagem), mas, sobretudo, para possibilitar a minha transcendência e minha imanência.

O OUTRO, pois, diferentemente da proposição sartriana, não será meu inferno, mas a minha única e irrecusável possibilidade de reconhecer-me como indivíduo único, singular, dono de uma IDENTIDADE IRREPETIDA E IRREPETÍVEL.

Em todo o caso, e isso é necessário que se reconheça, cada individualidade é composta de elementos dicotômicos. Assim, em cada HOMEM habitam todas as possibilidades dos pares antagônicos: bem e mal, certo e errado, puro e impuro...

"Justina sólo vive por Julieta,  
las víctimas engendran los verdugos.

El cuerpo que hoy sacrificamos

¿no es el Dios que mañana sacrifica?"

Aliás, deve-se registrar nesses versos a referência explícita ao



Homenageado, uma vez que **Justina**, ou os infortúnios da virtude, e **Julieta**, ou as prosperidades do vício, são obras do Marquês de Sade.

A seguir, o narrador apresenta uma série de reflexões sobre a condição geral e as possibilidades do HOMEM:

"La imaginación es la espuela del deseo,  
su reino es inagotable e infinito como el fastidio,  
su reverso y gemelo".

Contudo, o narrador não se restringe apenas tecer considerações; na verdade, ele termina seu discurso reflexionando sobre o ser do homem:

"desmesuras: tu medida de hombre".

Esses versos, no plano da construção, apresentam um trabalho muito curioso em termos de proposição absurda, com metáforas inusitadas, nitidamente surrealistas: 'petrificada cabellera del espanto', 'espuma roja del deseo', 'rocas azules del delirio'.

E o narrador termina por incitar ao homem, provocando sua desinstalação, buscando estimulá-lo a assumir seu Mundo e seu papel na História:

"Atrévete:  
la libertad es la elección de la necesidad.  
Sé el arco y la flecha, la cuerda y el ay.  
El sueño es explosivo. Estalla.  
Vuelve a ser sol".

É preciso que o homem novamente se atreva a dar o salto para o conhecimento. Faz-se necessário reconhecer suas possibilidades e, então, 'atrever-se é preciso'.

O anseio maior do homem, desde a aventura primordial do Paraíso, é pela liberdade. Ora, essa liberdade é, antes de tudo, uma conquista. Na liberdade, reside a própria possibilidade de o homem afirmar-se como esse 'ente' no qual o Ser habita. E porque é homem, e para afirmar-se em sua humanização, torna-se imprescindível esse salto para fora de si, que ultrapasse sua imanência, a fim de que tenha a possibilidade do regresso revitalizador.

Em busca de sua liberdade, deverá ser o arco e a flecha, pois precisa ser impulso para a arremetida e freio para a permanência.

E isso muito bem pode ser realizado se o homem explorar a

força explosiva que ele tem reprimida dentro de si: o sonho.

A busca da liberdade pelo homem tem-se mostrado infrutífera, porque na ânsia de encontrá-la nos mais distantes lugares, ele tem esquecido de buscá-la onde ela se instalou: dentro do próprio homem.

Sem olhos para ver que o Horizonte está em seu próprio olhar, o homem não tem entendido esse jogo dialético da liberdade que se mostra e se retrai, acenando de fora para refugiar-se em seu interior.

É imperioso que o homem se dispa dos preconceitos e tabus milenares que abriga e assume para despertar no alvorecer dessa nova aurora, iniciando por libertar o que nele tem força completamente revolucionária.

Libertando o sonho, o homem terá condições de explodir em toda sua potencialidade e, então, inteiro, voltar a ser sol, o astro por excelência, o que, na tradição Ocidental, diz da força absoluta, da própria essência do mito primordial.

E, finalmente, o verso:

"En tu castillo de diamante tu imagen se destroza y se rehace, infatigable".

O verso funciona com uma carga de sentido totalmente ambígua e fecha o poema em uma circularidade de todo notável.

Víamos, inicialmente, que o poema tinha uma preocupação denunciada por elementos entre-textuais, como a HOMENAGEM e a epígrafe. Contudo, percebemos mais tarde, e dentro do próprio texto, uma outra preocupação: o HOMEM.

Ele tanto pode referir-se ao Homem, preocupação das últimas duas estrofes, como ao Homenageado, preocupação em todo o poema.

E em ambos os casos, o significado é completo, irretocável.

O 'castelo de diamante' para a morada do homem, pois é o diamante, afinal, a mais dura e brilhante pedra preciosa, a única digna de abrigar ao mais frágil e precioso ente que é habitado pelo Ser. Nesse castelo de diamante, a Linguagem do Homem, é que ele será capaz de, nova Fénix, 'destruir-se e refazer-se, incansável no Tempo, infatigável para assegurar sua imanência e sua transcendência.

Mas, o "castelo de diamante" diz também desses 'fragmentos' do Homenageado que, desfazendo-se, refazem, através do tempo e do espaço, o pensamento desafiador que, infatigável, permanece provocando a pensar.

## V – CONCLUSÃO

Ao iniciarmos essas conclusões, repetimos o que já tivemos ocasião de dizer: "El prisionero", de Octavio Paz tem um caráter ambíguo, o que possibilita várias leituras.

Nele, há índices que remetem à figura do Marquês de Sade; alguns deles estão fora do texto propriamente dito, como a HOMENAGEM e o trecho do testamento; outros estão no texto, como as referências Justina e Julieta, personagens criadas pelo autor de **Les 120 journées de Sodome**.

Levados por tais evidências, propusemos que o título do poema poderia referir-se ao Marquês. Acabada a análise e interpretação das estrofes, senão de todos os versos, levantáramos outra hipótese que, se aceita, nos encaminhará necessariamente a outra proposição, sem anular aquela, no entanto.

Haveria razão para o prisioneiro não ser o próprio homem?

Obviamente, não.

Aceita, pois, a hipótese, faz-se necessário refletirmos sobre a possibilidade.

Ora, não tem sido o Homem prisioneiro de toda a espécie de convenções impostas ao indivíduo pela coletividade? Não tem sido o Homem prisioneiro de um realismo redutor, porque apontando sempre para um referente externo, escamoteia toda a realidade interna do indivíduo — tal como sonho, loucura, mito, etc.?

O texto evidencia, ao lado daquele alocutário referenciado por índices extra-textuais e textuais (Sade), um outro alocutário igualmente importante: o Homem.

Então, como já havíamos considerado a ambigüidade do texto declarada no último verso do poema, temos a possibilidade de surpreendemos a circularidade do texto, para a qual havíamos apontado.

Desfazendo-se para refazer-se infatigavelmente, texto, pensador e homem completam-se, completando sua viagem de eterno retorno,

sempre marcada pela dialética da imanência e transcendência.

Fundamentalmente Histórico e com a insaciável 'fome de Ser', o Homem necessita romper as barreiras do historicismo racional, se-  
alimentando-se em 'eternidades momentâneas', a fim de, plenifica-  
do, ultrapassar essa condição de "prisioneiro" das próprias mesqui-  
nhas convenções coercitivas e inibidoras, para libertar-se de modo  
pleno, fazendo-se o PRISIONEIRO DA LINGUAGEM.

#### R E S U M O

**El Prisionero**, de Octavio Paz — Proposta de  
Análise a partir do "Pensamento Radical"

No presente artigo, o autor pretendeu efetuar uma análise de um texto poético a partir dos pressupostos da Hermenêutica que, como se sabe, privilegia o papel da linguagem e a função do intérprete.

Assim, buscando interpretar o sentido radical de termos entendidos como fundamentais na estrutura do poema, procurou-se penetrar no sentido profundo da palavra poética em **El Prisionero**.

#### R E S U M E N

En el presente artículo, el autor pretendió efectuar un análisis de un texto poético, partiendo de los presupuestos de la Hermenéutica que, es sabido, privilegia el lenguaje y la función del intérprete.

Así buscando interpretar el sentido radical de vocablos entendidos como fundamentales en la estructura del poema, se procuró penetrar en el sentido profundo de la palabra poética en "El Prisionero".